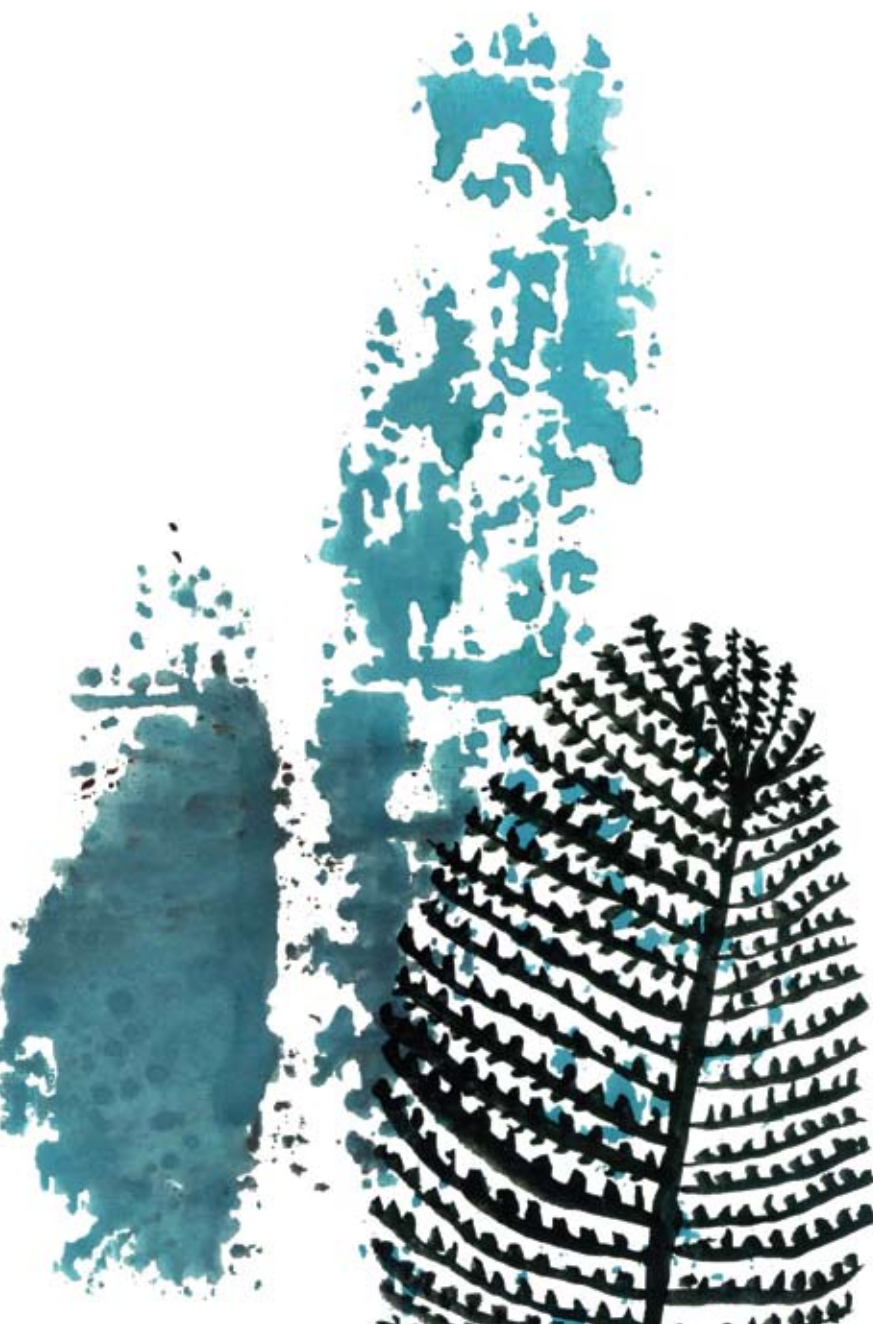


Diálogos com o presente e o passado em *Dois irmãos*

Aila Sampaio



Professora da Universidade
de Fortaleza, poeta e ensaísta.

DIÁLOGOS COM O PRESENTE E O PASSADO EM *DOIS IRMÃOS*

Analisa-se neste artigo o romance *Dois irmãos*, do escritor Milton Hatoum, que focaliza o núcleo familiar de Halim e Zana, imigrantes libaneses radicados em Manaus, cenário do enredo. Fala-se das relações conturbadas entre irmãos e de várias nuances dessas relações, como o incesto, a rivalidade e a rejeição. Resgatam-se as histórias bíblicas que encenam os mesmos desajustes e mostram-se os diálogos da obra com outras de escritores brasileiros que também focalizaram, em suas narrativas, a família e seus conflitos atemporais.

DIÁLOGOS CON EL PRESENTE Y EL PASADO EN *DOS HERMANOS*

Se analiza, en este artículo, la novela *Dos hermanos*, del escritor Milton Hatoum, que enfoca el núcleo familiar de Halim y Zana, inmigrantes libaneses radicados en Manaos, escenario de la trama. Trata de las relaciones conturbadas entre hermanos y de varios matices de dichas relaciones, como el incesto, la rivalidad, el rechazo. Se rescatan las historias bíblicas que ponen en escena los mismos desajustes y se muestran los diálogos de la obra con otras, de escritores brasileños, que también enfocaron en sus narrativas a la familia y sus conflictos atemporales.

حوارات مع الحاضر و الماضي في رواية شقيقان

يتم في هذا المقال تحليل رواية شقيقان للكاتب ميلتون حاطوم الذي يركز على النواة العائلية لحليم و زانا : المهاجران اللبنانيين اللذان أقاما بمدينة مناوس التي تعتبر سيناريو الحكمة القصصية . يتم الحديث عن العلاقات المرتبكة للاخوين و عن مشاكل كثيرة مثل زنا المحارم و المنافسة و الرفض . تتم الاحالة لقصص الكتاب المقدس التي تشير الى المشاكل نفسها كما نجد أن حوارات الرواية تشبه حوارات كتاب برازيليين آخرين ركزوا هم أيضا في كتاباتهم على الاسرة و صراعاتها اللامتتهية .

DIALOGUES AVEC LE PRÉSENT ET LE PASSÉ DANS *DEUX FRÈRES*

On analyse dans cet article le roman *Deux Frères* de l'écrivain Milton Hatoum, qui nous montre le noyau familial de Halim et Zana, émigrants libanais établis à Manaus, cadre de l'histoire. On y parle des relations tumultueuses entre frères et soeurs et des diverses nuances de ces relations, comme l'inceste, la rivalité et le rejet. On y retrouve les histoires bibliques qui exposent les mêmes troubles de comportement et on compare les dialogues de l'oeuvre avec d'autres oeuvres d'écrivains brésiliens qui centralisent, dans leurs récits, la famille et ses conflits intemporels.

DIALOGUES WITH THE PRESENT AND THE PAST IN *THE BROTHERS*

This article analyzes the novel *The Brothers*, by author Milton Hatoum, which focuses on the family unit of Halim and Zana, two Lebanese immigrants living in northern Brazilian city of Manaus, which is the scene of the plot. It deals with the sometimes-complicated relationships between siblings, including different nuances in these relationships, such as incest, rivalry and rejection. Allusion is made to Biblical stories that portray the same dysfunctions and dialogues in this work have been influenced by those of other Brazilian authors who also focus on the family and their timeless conflicts in their narratives.

Dois irmãos, romance publicado em 2001 por Milton Hatoum, tematiza o incesto, a rivalidade, a revolta, o ciúme e as tantas nuances que desajustam a vida de uma família de imigrantes libaneses residente em Manaus. O seu diálogo com o presente e o passado fez-nos resgatar histórias bíblicas, histórias clássicas e contemporâneas para mostrar que seus temas são tão antigos quanto atuais, eternos como a própria impossibilidade de harmonia terrena, o que também se evidencia em *Relato de um certo Oriente*, obra também de Hatoum, dada à lume em 1990.

1. A HISTÓRIA DE DOIS IRMÃOS

O enredo de *Dois irmãos*, embora cíclico, dá-nos a exata noção de uma temporalidade cronológica. A narrativa é construída tendo como ponto de partida a vida de Halim, uma mascate libanês, que se apaixona por Zana, filha de outro libanês, dono de um restaurante. Os gazais do amigo Abbas são definitivos no processo da conquista e passam a funcionar como uma senha para os momentos de amor fofego, que não eram raros, nem reservados:

Vi Halim e Zana de pernas para o ar, entregues a lambidas e beijos danados, cenas que eu via quando tinha dez, onze anos e que me divertiam e me assustavam, porque Halim soltava urros e gaitadas, e ela, Zana, com aquela cara de santa no café da manhã, era uma diaba na cama, um vulcão erotizado até o dedo mindinho (Hatoum, 2004: 90).

Depois que os gêmeos nascem, Halim, que não queria ter filhos para poder desfrutar integralmente o amor da esposa, vê-se colocado de lado. Decide mandar os dois para o Líbano, mas Zana impede que Omar vá, alegando a fragilidade da saúde dele; Yakub viaja com alguns amigos do pai, aos 13 anos, um ano antes da Segunda Guerra (Hatoum, 2004: 15). Passa cinco anos amargando a preterição da mãe, vivendo privações, até que a família manda buscá-lo. De volta à casa dos pais, não consegue perdoar a mãe pela escolha, nem se mostra capaz de conviver com o excesso de proteção dela para com o irmão. Acirra-se a rivalidade entre os dois, reacendendo a cicatriz feita por Omar no rosto de Yakub quando o flagrou, ainda na infância, se beijando com Lívía, moça por quem também era apaixonado.

Zana, em seu amor desgovernado, sempre protegendo o Caçula, não encontra nenhuma nora à sua altura. Interrompe as paixões do filho pela Mulher Prateada e pela Pau-Mulato, as únicas mulheres por quem ele realmente se interessou, estimulando cada vez mais a sua dependência emocional. Omar não se adapta a nenhum colégio, não se submete a nenhum emprego, não dá continuidade a nenhum projeto. Yakub, sentindo-se sempre preterido, vai embora para São Paulo, onde se forma engenheiro e se coloca profissionalmente; manda buscar Lívía e se casa com ela, sem que a família saiba. Rânia assume os negócios da família e, por ter não tido um pretendente que Zana aceitasse (ou utiliza isso como uma desculpa), decide não querer mais ninguém. Alimenta uma relação entre afetuosa e sensual com os dois irmãos, aparentemente cópias perfeitas do seu parceiro ideal:

Omar reaparecia, de carne e osso, sorrindo cinicamente para a irmã. Sorria, fazia-lhe cócegas nos quadris, nas náde-

gas, uma das mãos tateava-lhe o vão das pernas. Rânia suave, se eriçava e se afastava do irmão, chispando para o quarto (Hatoum, 2004: 94)

Como ela se tornava sensual na presença de um irmão! Com esse ou com o outro formava um par promissor... Rânia, não a mãe, ganhou os melhores presentes dele (Yakub)... Ainda chovia muito quando a vi subir as escadas, de mãos dadas com Yakub; entraram no quarto dela, alguém fechou a porta e nesse momento minha imaginação correu solta (Hatoum, 2004: 117).

Vários fatos são encadeados. Em função dos problemas com Omar e do excesso de amor, Zana se descuida de Halim e faz crescerem os ciúmes dele. Domingas, a empregada que não teve escolhas na vida, cria o filho, neto dos patrões (filho de uma noite em que Omar abusa sexualmente dela), em um quartinho nos fundos da casa. Após a morte de Halim, Yakub volta a Manaus para fazer o projeto de um hotel; Omar se revolta, acusa-o de ter roubado sua ideia, agride-o fisicamente e acaba preso. Após sair da prisão, sua casa já foi vendida, sua mãe está morta e ele, envelhecido, desaparece sem rumo. Nael fica morando no mesmo quartinho, então independente da casa, herança a ele destinada por Yakub. Rânia compra uma casa e nela passa a viver sozinha após a morte da mãe. Como o tempo em que se passa a história termina nos anos 60, o narrador não deixa de inserir fatos que retratam a ditadura militar: as tropas do exército pelas ruas, a censura aos meios de comunicação e o assassinato, em janeiro de 1964, do professor de francês, o poeta Laval, cujo passado estava ligado ao Partido Comunista.

As atitudes pouco comuns numa relação familiar podem ser assim relacionadas: o amor

excessivo de Zana por Omar a faz competir com suas pretensas noras: “Dessa vez ela não quis disfarçar: encarou com um sorriso dócil e um olhar de desprezo a mulher que jamais seria a esposa de seu filho, a rival derrotada de antemão” (Hatoum, 2004: 99); a solidão de Rânia, que passa as noites trancadas em seu quarto, só permite que ela “desabroche” na presença dos irmãos:

Depois do jantar entocava-se no quarto, onde a noite a esperava. Vá saber o que acontecia durante esse encontro misterioso. É provável que nem a noite percebesse seus gestos e pensamentos (Hatoum, 2004: 96);

Os ciúmes de Halim, obsediado pelo sexo de Zana e impedido pelos problemas dos filhos, sobretudo do caçula, levam-no a culpar Omar pelo descaso da esposa e culminam na rejeição ao filho: “Halim torcia para que uma dessas mulheres levasse o filho para bem longe de casa... Mas ele intuía que Zana era mais forte, mais audaciosa, mais poderosa”(Hatoum, 2004: 100); a ambição e a revolta de Yakub, que vence profissionalmente e se casa com a mulher que ama, o faz agir com frieza em relação ao irmão e, após a morte da mãe, realizar sua vingança. Rânia não o perdoad, tenta resgatar Omar, mas ele foge de todos.

Resta Nael, cuja paternidade é revelada pela mãe, antes de ela morrer: Omar, justamente aquele em quem nada admirava. A revelação faz com que ele não mais se interesse pelo pai. Não espera ajuda de Yakub, passa a trabalhar como professor no

Colégio em que estudou e desiste de Rânia, a tia com quem viveu uma única noite de amor.

2. INTERTEXTUALIDADES

2.1 RIVALIDADE

A história da família de *Dois irmãos* intertextualiza, inicialmente, a de duas famílias bíblicas: a de Adão e Eva e a de Isaac e Rebeca, ambas extraídas do *Gênesis*, livro primeiro da *Bíblia Sagrada*. A primeira história de rivalidade entre irmãos se dá com Caim e Abel. Caim, o irmão mais velho, é lavrador; Abel é pastor de ovelhas. O despeito entre um e outro se dá quando Deus não aceita a oferta de Caim, que lhe oferece produtos de sua lavoura e aceita a de Abel que lhe oferece uma ovelhinha.

Não adianta dizer-lhe que o sacrifício deve ser feito com a morte de um animal. Caim não confiava em Deus como o irmão, e não acreditou em suas palavras: “Assim como as folhas de figo não puderam cobrir o pecado de Adão e Eva, um sacrifício feito com plantas e legumes, sem sangue, também não podia perdoar os pecados”. Caim afastou-se de Deus e acabou cometendo o primeiro assassinato: tirou a vida do próprio irmão e tornou-se um amaldiçoado.

Já Esaú e Jacó, filhos de Isaac e Rebeca, nascem a pedido do pai que clama a Deus a dádiva dos filhos, já que a esposa era estéril. Ainda na barriga, as duas crianças brigam e Rebeca tem a revelação, pela boca de Javé, de que eles representam a briga entre duas nações “que se separam em suas entranhas. Um povo vencerá o outro, e o mais velho servirá ao mais novo”

(p.38). Esaú se tornou um caçador e Jacó preferia a tranquilidade, vivendo sob tendas. Isaac se identificava com Esaú; Rebeca preferia Jacó. Jacó ambicionava ser o primogênito, direito que dava a Esaú, como o primeiro a sair da barriga da mãe, ter a autoridade patriarcal sobre os irmãos. Esaú, voltando do campo esgotado de fome, só recebe a comida de Jacó quando lhe concede o direito à primogenitura.

Zana parece a recriação de Rebeca que, ao privilegiar o filho Jacó, em detrimento do outro filho, Esaú, torna-os inimigos irreconciliáveis. Quando Zana escolhe mandar Yakub para o Líbano e fica com Omar, só acentua a rivalidade entre os dois.

Já o romance *Esaú e Jacó*, Machado de Assis deixa clara, a partir do título, a intertextualidade com o *Gênesis*, quando carrega no próprio título o nome dos gêmeos bíblicos. Pedro e Paulo, filhos tão desejados como os de Isaac e Rebeca, são também gêmeos, têm personalidades diferentes e desenvolvem, desde cedo, uma rivalidade sem explicação. Quando Natividade vai à “Cabocla” para saber sobre o destino deles, ela pergunta se eles brigaram em seu ventre. A mãe então lembra que não teve uma gestação sossegada, “tinha movimentos extraordinários, repetidos, e dores, e insônias...” (Machado de Assis, 1992: 19).

Segundo o narrador, o Conselheiro Aires, os dois irmãos representavam “os dois lados da verdade”. Paulo é extremamente impulsivo, age sempre de forma arrebatada; já Pedro é dissimulado e tem uma mente conservadora. Quando se tornam adul-

tos, assumem posições políticas diferentes: Paulo é republicano e Pedro monarquista. A mãe e o pai sofrem com a constante competição, mas não conseguem aplacar o desejo que um tem de contrariar o outro. Os dois se apaixonam pela mesma mulher, uma moça retraída, simples, de nome Flora. Ela, não conseguindo encontrar em um só deles a completude do seu desejo, deixa entrever que um completaria o outro. Na impossibilidade de ter os dois, ela morre. Eles juram reconciliação junto ao túmulo dela, mas, ao elegerem-se deputados, continuam a brigar na tribuna. Novo juramento de paz é feito no leito de morte da mãe.

2.2 REJEIÇÃO E INCESTO

Zana igualmente sonhou morrer vendo os filhos, Yakub e Omar, reconciliados; sua última tentativa de uni-los, o projeto do Hotel a ser construído em Manaus, resultou no estopim da intriga: Yakub exclui Omar, e este, revoltado, o agride fisicamente. Após a morte da mãe, Yakub vingava-se das agressões que recebeu, mandando o irmão para a prisão. Na verdade, vingava-se de toda uma vida de preterição por parte da mãe. Halim sentia a possibilidade de um desfecho trágico e advertia a mulher: “Dá um pouco de atenção ao outro filho. Faz anos que não vemos o Yakub” (Hatoum, 2004: 113).

Zana morreu aflita, a perguntar: “meus filhos já fizeram as pazes?” (Hatoum, 2004: p.12). Como Esaú e Jacó, os dois também “nasceram perdidos” (Machado de Assis, 1992: 237).

Como Caim e Abel, eles ficaram vulneráveis ao desejo de que um não vivesse; numa carta à mãe, Yakub escreve “Oxalá seja resolvido com civilidade; se houver violência, será uma cena bíblica” (Hatoum, 2004: 228). Não há assassinato, é certo, mas há violência e plano sórdido de vingança. Há destruição de vidas pelo ódio.

A preferência por um filho em detrimento de outro também está presente na obra *O ponto Cego* (2002), de Lya Luft, em que o Pai prefere a filha ao filho. Primeiramente ele amou a filha mais velha que morreu; após a perda, transferiu sua preferência para a outra filha, deixando definitivamente o menino de lado: “E ele amou a substituta com um estranho amor que excluía até mesmo minha mãe (...). Eu sou o que deixaram sob o tapete, o que à noite se esgueira pelos corredores chorando”. (Luft, 2002: 29-30).

Mesmo tendo o amor compensador da mãe, ele finda abandonado, já que escolhe ir embora para viver a própria vida. Em *A Sentinela* (Luft, 1999), Elza, a mãe, não esconde a preferência pela filha Lilith, que acaba morrendo (suicídio?). Nem a morte da filha predileta a faz se aproximar de Nora; ao contrário, ela passa a querer vê-la longe, talvez a se perguntar: por que ela não morreu em vez da outra? Nem o amor do pai a redime de sua condição de rejeitada: “... entre o meu pai barulhento e vital e aquele homem distante, erguia-se a sombra onipotente e onipresente da filha morta” (Luft, 1999: 60). Ela vai estudar em um colégio interno, mesmo contra a própria vontade. A mãe assim se refere ao momento em que ela nasceu: “nessa noite entrou em minha vida uma intrusa” (Luft, 1999: 27). Ao que nos parece, seguindo os enredos, sejam quais forem as razões das escolhas, elas

culminam sempre no desajuste de ambos os filhos: um se desagra pela falta de amor; o outro, pelo excesso.

O incesto também tem sido um tema bastante visitado pela literatura desde o amor entre o *rei Édipo*, herdeiro da maldição familiar do pai, e sua mãe Jocasta (Rei Édipo, de Sófocles). O passado de Laio reitera a maldição do destino de Édipo. Laio, pai de Édipo, durante um período de exílio na corte de Pélops, apaixona-se por Crisipo, filho do rei, e rapta-o. É a ira de Hera, protetora dos amores legítimos, que dá origem à maldição dos Labdácidas (família de Laio), razão pela qual a profecia de o filho e a mãe se amarem se cumpre.

Em *Os Maias*, de Eça de Queiroz, Carlos e Maria Eduarda, criados separados em função da separação dos pais, se encontram na fase adulta e se apaixonam; a distância do convívio os fez inocentes como Édipo e Jocasta. Há, entretanto, certa sordez no comportamento do irmão quando, ao saber do parentesco, ainda mantém o conúbio com a irmã, sem avisá-la da descoberta. Em *Lavoura Arcaica* (Nassar, 2002), o amor entre André e a irmã Ana é a causa de toda a tragédia familiar, como se a consciência do ato os amaldiçoasse; o pai não aceita a falência da educação dada, nem a transgressão aos padrões de comportamento: Ana é a serpente, por isso é ela que morre materialmente.

A rejeição do pai pelo filho, como faz Halim com Omar, visto como o ladrão do amor de Zana; como faz o Pai de *O ponto cego* (Luft, 2002) com o filho frágil, é a continuação de uma história antiga. Laio e Jocasta, após ouvirem do Oráculo de Delfos que o filho que esperavam mataria o pai e se casaria com a própria mãe, decidiram contrariar o destino. Quando a

criança nasceu, foi entregue a um escravo que, em vez de matá-la, furou seus calcanhares e abandonou-a perto do monte Citéron. A criança foi encontrada e criada por um casal de pastores, que, sem condições, entregam-no ao rei de Corinto. Foi isso que traçou o rumo da profecia.

Mas Laio não é o iniciador dessa história de rejeição, é só olhar a mitologia e ver na atitude dos deuses a mesma estratégia: Urano impediu seus filhos de nascerem, Cronos os devorou, Zeus engoliu Métis, sua primeira esposa, grávida de Atena; em todos os casos, tentava-se fugir das previsões dos oráculos, como o fez Príamo, o rei de Tróia, com o filho Páris. Em todos os casos, a estratégia da rejeição não impediu o cumprimento das profecias. Também Halim abusou de Omar, tentou enviá-lo para longe, mas não conseguiu diminuir o amor de Zana pelo filho; quando não era a presença dele que atrapalhava, era a ausência, ainda mais forte que a presença.

Voltando à paixão de Édipo por Jocasta, é interessante lembrar que foi a relação deles que deu à psicanálise matéria para o estudo de um complexo: a paixão do filho pela mãe, ou a busca pela mãe através da mulher com quem ele se relaciona (o Complexo de Édipo). No caso de André, personagem de *Lavoura Arcaica* (Nassar, 2002), há indícios de que ele via em Ana a extensão do amor da mãe e a possibilidade, até inconsciente, de fazer jus à educação do pai, de manter a família unida num só núcleo. Também o personagem de *Um copo de cólera* (Nassar, 2002), ao esperar a namorada “deitado como um grande feto”, parece querer tê-la como num ritual de volta ao ventre materno. Sua agressividade é toda desejo de proteção. Zana, por sua vez, não permite que Omar solidifique nenhum relacionamento, porque nenhuma das mulheres

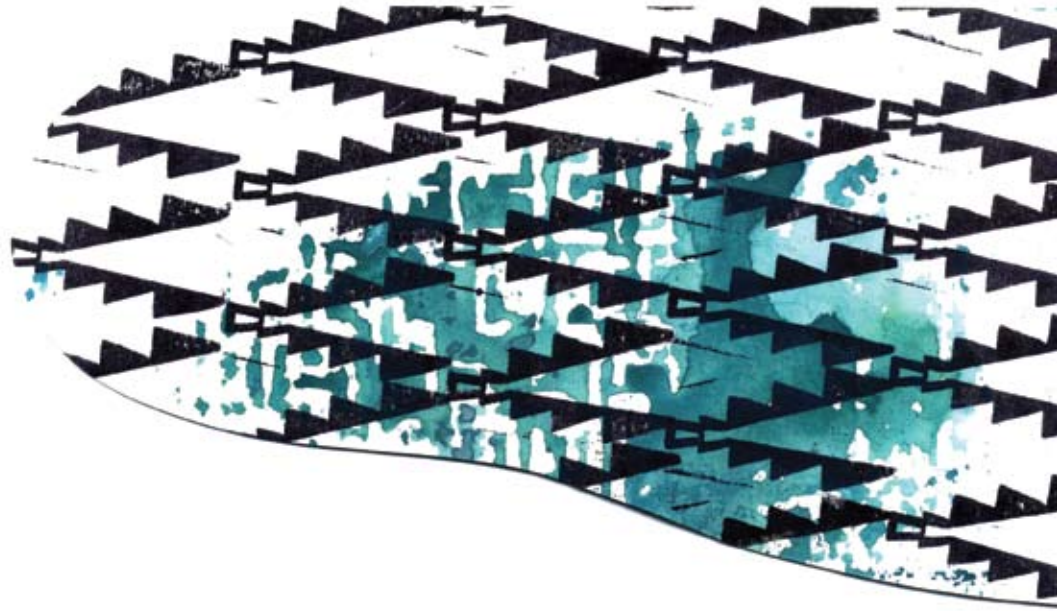
com que ele se envolve seriamente – a Mulher Prateada e a Pau-Mulato – são dignas dele, ou seja, nenhuma possui as características dela, a mãe. É Freud quem diz: “A psicanálise nos ensinou que a primeira escolha de objetos para amar feita por um menino é incestuosa e que esses são objetos proibidos: a mãe e a irmã”. Segundo o psicanalista,

à medida que cresce, ele se liberta dessa atração incestuosa. Um neurótico, por outro lado, apresenta invariavelmente um certo grau de infantilismo psíquico; ou falhou em libertar-se das condições psicosexuais que predominavam em sua infância ou a elas retornou (Freud, 1999: 27).

É constatada a relação de afeto desmedido entre Rânia e os irmãos (Yakub e Omar), bem como o “infantilismo psíquico” de Omar em relação à vida, claramente alimentado pela mãe. Édipo só cumpriu uma profecia: a consciência do incesto foi catastrófica; já André e o protagonista de *Um copo de cólera* (Nassar, 2002) talvez não se tenham libertado das condições psicosexuais predominantes na infância. O fato é que estão, todos, conscientes ou inconscientemente, ligados à figura da mãe e desajustados enquanto seres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo sempre é possível entre obras que abordam a família contemporânea, permeada com seus problemas e desajustes antigos, eu diria, eternos. A literatura da Antiguidade Clássica e a Bíblia Sagrada confirmam isso. Os temas não são novos, mas têm-se renovado na produção literária contemporânea, garantindo a perenidade das relações entre seres humanos como fonte inesgotável de inspiração. ●



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACHADO DE ASSIS. 1992. *Esaú e Jacó*. São Paulo: Ática.

Bíblia Sagrada. 1990. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus.

FREUD, Sigmund. 1999. *Toten e Tabu*.

HATOUM, Milton. 2004. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. 2003. *Relato de um certo oriente*. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras.

QUEIROZ, Eça. 2005. *Os Maias*. São Paulo: Martin Claret.

LUFT, Lya. 1999. *A Sentinela*. 4.ed. São Paulo: Siciliano.

_____. 2002. *O ponto Cego*. 4.ed. São Paulo: ARX.

NASSAR, Raduan. 2002. *Lavoura Arcaica*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. 2002. *Um copo de cólera*. 5.ed. São Paulo: Companhia das Letras.

SFÓCLES. 2002. *Édipo rei*. São Paulo: Martin Claret.